

A DIMENSÃO HISTÓRICA NA *CANÇÃO DOS NIBELUNGOS*: REFLEXOS DOS POVOS GERMÂNICOS NO POEMA MEDIEVAL

Wanderson Fernandes Fonseca
(PPGLetras/ UEMS)

RESUMO: Neste trabalho foram identificados, discutidos e relacionados com a obra medieval germânica *A Canção dos Nibelungos*, alguns dos elementos históricos que possibilitaram a elaboração das diferentes lendas perpetuadas através da consciência poética dos povos germânicos. Bem como a maneira com que a preparação da obra reflete esses elementos.

Palavras-chave: *A Canção dos Nibelungos*, Literatura, História

ABSTRACT: In this paper were identified, discussed and related to Medieval Germanic book *The Song of the Nibelungs*, some of the historic elements that made possible the preparation of various legends perpetuated through the poetic consciousness of the Germanic peoples. And the way the preparation of the work reflects these elements.

Keywords: *The Song of the Nibelungs*, Literature, History

Introdução:

Este trabalho apresenta resultados parciais da pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), sob orientação da Prof^a Dr^a Ana. A. Arguelho de Souza. A pesquisa tem por objetivo levantar fontes e realizar um estudo acerca dos elementos míticos, literários e históricos no poema germânico medieval *A Canção dos Nibelungos*. O trabalho vincula-se à linha de pesquisa *Historiografia Literária*, do referido programa de Pós-Graduação, e ao grupo de estudos e pesquisa *Literatura e Humanidades*, coordenado pelo Prof^o Dr^o Daniel Abrão.

Nesta comunicação foram identificados, discutidos e relacionados com a obra alguns dos elementos históricos que possibilitaram a elaboração das diferentes lendas perpetuadas através da consciência poética dos povos germânicos. Bem como a maneira com que a preparação estética e temática da obra reflete esses elementos.

Para a análise aqui realizada, considerou-se a observação da história e de suas transformações como conteúdo social para as criações artísticas. Esta consideração pressupõe a afirmação de uma natureza histórica da obra literária e a adoção da crítica

marxista como fundamentação teórica, o que se deu pela compreensão de que assumir tal postura

[...] diz respeito a compreender a natureza histórica da obra literária, a inferir do mundo delineado pela linguagem da obra mediações que permitam perceber nela as pegadas do humano, do universal, daquilo que representa a totalidade do mundo construído pelo homem. (SOUZA, A.A.A. 2005: 51)

A compreensão da totalidade de que fala a autora é buscada por meio do entendimento das mediações estéticas através das quais as obras de arte se relacionam com o mundo. Podendo essa compreensão, ainda, ser apreendida na singularidade das obras de arte, e da literatura neste caso particular.

A obra:

A *Canção dos Nibelungos*, compilada por volta de 1200, é escrita em forma de versos e dividida em cantos, 39 cantos ao todo. Podem, ainda, ser percebidas duas partes claramente distintas: uma composta de 19 cantos com origem supostamente lendária, onde são narradas as origens e aventuras do bravo herói Siegfried e de sua esposa, Kriemhild, bem como a morte de Siegfried; e outra parte composta de 20 cantos com origem de base supostamente histórica, onde se narra o casamento de Kriemhild com Etzel, soberano dos hunos, e seu plano de vingança contra os assassinos de seu primeiro esposo.

A obra apresenta uma parte totalmente embasada em mitos anteriores. As principais sagas, mais antigas que ela, nas quais se identificam elementos ali presentes são as *Eddas*, a *Volsunga Saga* e a *Saga Thidreks*. Todavia, há, entre os estudiosos de literatura, quem considere o caráter histórico como o principal da obra. Um desses estudiosos é Otto Maria Carpeaux, que ainda vê na *Canção...* “a maior façanha de toda a literatura dos cavaleiros” (2013: 17). Segundo ele: “[...] Em todo caso, versão da saga nórdica só é a primeira parte do poema, **a menos importante**, contando as causas e os motivos da agonia trágica pela qual passarão os Nibelungos na segunda parte; [...]” (CARPEAUX, 2013:16, grifo nosso).

A segunda parte de que fala o autor é a recordação histórica do ataque dos hunos liderados por Átila (Etzel, no poema) contra as tribos germânicas, que no poema tem

como finalidade dar cabo à vingança da terrível Kriemhild. Tal episódio é identificado como a *Batalha dos Campos Catalúnicos*.

Vale ressaltar que, como literatura de documentação histórica, *A Canção dos Nibelungos* foi declarada “patrimônio documental da humanidade” pelo programa *Memory of the World* (Memória do Mundo) da UNESCO em 2009. Também foi considerada o grande poema épico nacional germânico pelos intelectuais do Romantismo Nacionalista alemão do século XIX, entre os quais estava o compositor do ciclo de óperas *O Anel do Nibelungo*, Richard Wagner.¹

A obra é anônima e, se a sua autoria permanece ignota, a região onde foi escrita parece ser mais consensual entre os estudiosos. Isso porque a região de Passau, na Bavária, às margens do Danúbio, perto da fronteira com a Áustria e seus arredores, são descritos no poema com bastante exatidão. Essa exatidão faz a crítica deduzir que ali teria vivido o provável autor da obra.

A terra dos burgúndios, que é a de Kriemhild, assim como a dos Países Baixos, que é a de Siegfried, fica às margens do Reno. E lá se passa a maior parte da história na primeira metade do poema. Às margens do Danúbio ocorre a segunda parte da estória. Sucede também o episódio do encontro de Hagen com as ninfas do rio;, elas vaticinam a morte dos guerreiros que estão indo às terras de Etzel.

Como os burgúndios são identificados como um dos povos germanos que entraram em contato com os romanos, trazendo consigo o passado germânico, iniciamos apresentando os povos germânicos, de maneira geral.

Para entender como esse povo chegou ao século XIII, e que bagagem tinha para construir uma obra histórica como *A Canção dos Nibelungos*, apresenta-se um breve estudo da formação histórica dos germanos.

Os germanos e seu reflexo na *Canção*...

O que conhecemos como germanos, na verdade, não se tratava de um povo determinado, mas de várias tribos mais ou menos numerosas que falavam múltiplos dialetos e eram, entre si, extremamente heterogêneas.

¹ Sobre a influência da *Canção dos Nibelungos* na obra de Wagner, especificamente, foi publicado um estudo comparando as duas obras em um artigo intitulado *História e Intertextualidade em O Anel do Nibelungo de Richard Wagner: as fontes literárias* (2013).

Oliveira (1988) aponta que três grandes grupos de germanos podem ser reconhecidos: os *germanos do norte* constituído por frisões, anglos, saxões, jutos e nórdicos; os *germanos do centro* (ou *dos bosques*) que eram os francos, alamanos, marcomanos, suevos, turíngios, burgúndios, lombardos e vândalos; e os *germanos do leste* (ou *das estepes*), formado pelos visigodos e ostrogodos. Esses últimos foram os primeiros a terem contato com os hunos, que chegaram à Europa por volta do século IV.

Sobre o modo como foram percebidos pelos romanos que os contataram no período, a obra *Germânia*, de Tácito (s/d), escrita por volta do primeiro século, os descreve fisicamente: “Eu mesmo propendo à opinião de que os povos da Germânia jamais se aliaram por casamentos a outras nações e não foram desnaturados, e existiram como povo (nação) permanente e puro, somente semelhante a eles próprios” (p. 26).

O autor segue descrevendo fisicamente os germanos. Afirma que o aspecto corpóreo seria o mesmo entre todos os homens (olhos turvos e cerúleos, cabelos loiros, grande estatura, etc.) e que seriam impetuosos para o ataque. Além disso, afirma que não teriam paciência para a fadiga e o trabalho, apesar de poderem suportar a fome e o frio por conta do clima e do solo.

Antes do primeiro século d.C., ao tempo de César, quando os romanos começaram a negociar com as tribos germânicas, toparam com um povo agricultor e pastoril que desconhecia a propriedade privada de terra. Não lidava muito com a prata ou o ouro, somente os povos mais próximos às fronteiras do Império usava em maior quantidade esse metal nas trocas com os romanos.

O poder era exercido por líderes tribais que, basicamente, tinham a função de distribuir o solo a ser cultivado. Líderes excepcionais eram eleitos em tempos de guerra, na paz não havia uma liderança centralizada que dominasse sobre todo o povo, mas líderes regionais, eleitos e mantidos por assembleia. Sobre seu modo de produção, distribuição da riqueza e liderança, Perry Anderson afirma:

(...). Um modo de produção comunal primitivo prevalecia entre eles. A propriedade privada de terra era desconhecida: a cada ano os líderes de uma tribo determinavam que parte do solo comum deveria ser cultivada e distribuía porções dela aos clãs respectivos, que as lavriariam e se apropriariam dos campos coletivamente: as redistribuições periódicas evitavam grandes disparidades de riqueza entre os clãs e as famílias, embora os rebanhos fossem propriedade particular, que proporcionavam as fortunas dos guerreiros liderantes das tribos. (ANDERSON, 2000: 103)

Esse modo de produção é característico de povos em estágio de transição da barbárie² à civilização, e, de fato, é nessa transição que os germanos ainda se encontram quando entram em contato com os romanos (ENGELS, 2014).

Um dos resquícios desse tempo de barbárie, na obra investigada, é o poder conferido às mulheres. Aí, na literatura, elas não só reinam, mas decidem o destino de povos e o desfecho de guerras, definem as decisões dos homens.

No poema há registro de um vestígio desse poder feminino. Quando Kriemhild fica viúva, manda trazer o tesouro que pertencia a Siegfried da terra dos Nibelungos; e por conta desse tesouro acumula um poder que põe temor em seus irmãos e em Hagen:

Agora que Kriemhild possuía o tesouro, convidou a seu país muitos guerreiros de outras terras e presenteou-os tão ricamente que jamais poderiam ter visto tanta generosidade. Ela mostrou suas qualidades e foi reconhecida por isso. Distribuía sua fortuna a ricos e pobres, e Hagen afirmou que, se ela vivesse ainda por algum tempo, teria tantos homens a seu serviço que se tornaria um perigo para os burgúndios.

O rei Gunther respondeu: **“Ela é senhora de si e de suas posses. Como poderia eu impedi-la de fazer o que quer?”** Com grande dificuldade consegui reconciliar-me com ela. Não nos preocupemos com o que faz com seu ouro e sua prata!” (ANÔNIMO, 2001: 177, grifo nosso)

Apesar do poder aí conferido ser limitado à “compra” de cavaleiros através de suas doações, vê-se uma grande autonomia de Kriemhild em suas ações, conforme fica testemunhado nas palavras de seu irmão Gunther.

Quanto à transferência de poder para as mulheres, historicamente, Engels, enquanto considera escritos de Tácito sobre o fato de um tio materno considerar o sobrinho como se fosse um filho seu, afirma termos “aqui uma relíquia viva da gens organizada segundo o direito materno, quer dizer, primitiva, que é descrita como algo que distingue particularmente os germanos” (ENGELS, 2014:166).

Para ilustrar apresentamos a nomeação de um regente para o país da Islândia, quando sua rainha, Brünhild, deve deixar sua terra e acompanhar Gunther à terra dos burgúndios, onde se tornará sua esposa. A rainha escolhe, para reger em seu lugar até que Gunther se torne rei daquelas terras, um tio materno:

² Engels, em *A origem da família, da propriedade privada e do estado*, divide cronologicamente as sociedades humanas de acordo com seus meios de apropriação da terra e de produção. Assim, ele classifica três estágios básicos do desenvolvimento das sociedades: Estado de selvagem; barbárie e civilização. (ENGELS, 2014).

A rainha disse: “A quem confiarei minhas terras? Isso deve ser decidido por mim e por vós antes de partirmos.”
O nobre rei respondeu: “Mandai vir à vossa presença quem vos parecer mais apropriado para isso, e nós o nomearemos soberano!”
A rainha viu perto dela um de seus mais ilustres familiares, o irmão de sua mãe, e disse-lhe: “Que lhe sejam confiadas minhas terras e meus burgos, até que o rei Gunther passe a governar aqui!” (ANÔNIMO, 2001: 85)

Outra passagem de Engels ilustrativa do trato conferido às mulheres, que têm ecos na saga, é a que aborda o respeito a elas atribuído pelos germanos. Segundo o autor era quase incompreensível para os romanos o trato que os germanos devotavam ao sexo feminino. Para realizar um trato com eles, por exemplo, era bastante seguro que se mantivesse uma donzela de família nobre como refém. Os germanos consideravam as mulheres sagradas, com dons proféticos. Seus conselhos eram ouvidos em diversos assuntos, até nos mais importantes, como assuntos de guerra.

Também é possível encontrar registros dessa consideração dos germanos pelos conselhos das mulheres nos escritos de Tácito. Em *Germânia*, o escritor romano afirma o seguinte:

Rememora-se que exércitos indecisos foram incentivados pelas mulheres, da constância de suas preces e oferecimento de seus seios (peitos), e pelo cativo (por eles) presentido próximo de que se arreceiam muito mais para suas mulheres do que para eles próprios, de tal modo que se demanda com mais eficácia o compromisso (fidelidade) das cidades, delas exigindo-se entre as presas (reféns) moças nobres. (TÁCITO, s/d: 32)

E sobre os dons proféticos das moças, bem como sobre a consideração de seus conselhos, ainda é Tácito que afirma que elas não eram desprezadas, pois os homens consideravam que elas teriam algo de santidade e de providencial.

Acerca do matriarcado, Anderson (2000) também dá conta que ao tempo em que os romanos tiveram o primeiro contato com os bárbaros germanos, por volta do primeiro século da Era Cristã, encontraram um povo predominantemente pastoril e com um modo de “produção comunal primitivo”. Segundo ele, foi somente no contato com os romanos que o matriarcado começou efetivamente a ser substituído por uma linhagem patriarcal que marcava propriedades dentro da tribo e posições sociais, especialmente nos conselhos de guerra.

Considerar os conselhos das mulheres, na cultura delineada na obra, não apenas era importante, era vital. Assim agem os reis burgúndios na *Canção...*, sempre

recorrendo aos conselhos da poderosa rainha Uote, mãe de Kriemhild e dos dois reis da pequena nação, tanto para assuntos de guerra quanto de caça; a ela e a sua irmã também recorrem quando precisam preparar a nação para receber visitantes ilustres, como os cavaleiros que acompanham Siegfried em sua primeira viagem à terra dos burgúndios. Assim também são tratados os vaticínios de Kriemhild sobre sua futura vingança. Antes mesmo de conhecer Siegfried, Kriemhild tem visões proféticas sobre seu futuro:

Em meio a tal magnificência, Kriemhild sonhou que criava um falcão, forte, belo e selvagem, e que duas águias o dilaceravam diante de seus olhos; nada neste mundo poderia ser para ela mais doloroso. Ela contou o sonho à sua mãe, Uote, que não pôde dar à bela jovem uma interpretação melhor que esta: “O falcão que crias é um nobre homem. A menos que Deus o proteja, tu em breve o perderás.” (ANÔNIMO, 2001: 10)

Na nossa perspectiva, a obra literária reflete aspectos da vida real. Assim, consideramos que essas ilustrações encontradas na obra refletem os aspectos de barbárie que ainda havia na memória dos povos germânicos que habitavam as fronteiras do Império Romano. Ilustrativo dos resquícios de matriarcado entre os germanos encontrados por Tácito, é a seguinte passagem, em que fala sobre o matrimônio:

A mulher não (dota) oferece dote ao marido, mas o marido à mulher. Interferem os pais e os parentes e verificam os presentes; presentes não para despertar (vaidade) à mulher, nem para com eles se adornar a nova esposa, porem bois e um cavalo arreado e um escudo com a frâmea e o gládio. (TÁCITO, s/d: 46)

Têm-se aí o fato de a mulher receber um dote e, apenas após a verificação por parte dos parentes da utilidade do dote oferecido, é aceito o matrimônio. Na obra estudada, Siegfried além de ter que vencer várias provações para mostrar-se digno de casar-se com Kriemhild, a princesa burgúndia; o casamento só se realiza porque Hagen fala aos reis burgúndios sobre o tesouro imenso e o controle do exército dos Nibelungos que Siegfried tem sob sua posse.

Sobre a maneira de praticar a justiça, Oliveira esclarece que era aplicada com base em tradições tribais; visando, em primeiro lugar, manter o grupo forte e coeso. E segue afirmando que

[...]. Admitia-se, entre outras coisas, o direito de vingança familiar, a ser exercido pelos parentes das vítimas contra os integrantes das famílias dos

agressores. Inexistia, pois, entre os germanos, uma lei escrita, destinada a ser cumprida por todos os integrantes do grupo, como acontecia entre os romanos. (OLIVEIRA, 1988: 16)

Ainda segundo esse autor, o direito dos germanos opunha-se, dessa maneira, ao direito dos romanos, que era escrito. O direito do primeiro povo considerava cada caso único e realçava, em cada um dos casos, as circunstâncias particulares que o envolvessem (*Id. Ibid.* : 16).

A afirmação de Oliveira, sobre a prática da justiça, refere-se ao tempo por volta do século IV. Como foi por essa época que os germanos tiveram seu primeiro contato com os hunos, deduzimos que a segunda parte da *Canção...* alude, em grande parte, a esse período. A falta de leis escritas, o direito a vingança familiar e a formação de conselhos específicos para cada caso também ficam refletidos na obra.

Para cada batalha, para cada caso de traição ou julgamento que precise ser feito há uma deliberação diferente, isso abre a possibilidade de Hagen estar sempre influenciando o rei Gunther no poema. Quando Siegfried é assassinado por Hagen em uma caçada, os guerreiros de seu séquito querem iniciar uma guerra imediatamente, mas sua esposa os aconselha a esperarem, pois estão em terra estrangeira e em grande desvantagem. Mas ali mesmo todos os guerreiros de Siegfried juram lealdade à rainha Kriemhild e juram também ajudá-la a executar sua vingança. O excerto abaixo demonstra como a rainha e os pais de Siegfried recebem a notícia de sua morte, e, um pouco adiante, a confirmação do assassinato e o juramento de vingança:

“Meu senhor Siegmund”, disse a desolada rainha, “o que pretendeis fazer? Não sabeis que o rei Gunther conta com muitos homens destemidos? Morrereis todos se enfrentardes estes guerreiros!”

Mas eles tinham sede de batalha e erguiam seus escudos. A nobre rainha primeiro pediu-lhes, depois ordenou que se contivessem, mas os orgulhosos guerreiros não queriam voltar atrás em suas intenções, o que muito preocupou Kriemhild. “Senhor Siegmund”, disse ela, “esperai até que uma ocasião mais favorável se apresente. Estarei sempre pronta a vingar convosco meu esposo. Quando eu tiver as provas de quem o matou, causar-lhe-ei muito mal. Aqui no Reno há muitos homens arrogantes, são trinta para cada um de vós, por isso não vos aconselharia a lutar. Que Deus permita que eles recebam de nós tudo o que merecem! Ficai e ajudai-me a suportar essa dor. Bravos heróis, quando amanhecer, deveis ajudar-me a colocar no ataúde meu amado esposo!”

“Que assim seja!”, responderam os guerreiros.

[...]

É algo admirável e que ainda hoje acontece: quando um assassino se aproxima do corpo de sua vítima, os ferimentos voltam a sangrar. Foi o que

aconteceu, e então ficou claro que Hagen era culpado. As feridas voltaram a sangrar como antes, e os que lamentavam, agora redobram seu pranto.

“Digo-vos que ele foi morto por salteadores”, afirmou o rei Gunther, “Hagen nada fez.”

“Bem conheço esses salteadores!”, respondeu Kriemhild. “Deus permita que ele seja vingado por seus amigos. Gunther e Hagen, vós o assassinastes!” Os guerreiros de Siegfried já se preparavam para a luta.

“Ajudai-me a suportar essa dor!”, disse-lhes Kriemhild. (ANÔNIMO, 2001: 162-163)

O excerto é longo, mas reflete com verdadeira beleza literária o valor dado à honra familiar e ao sentimento de vingança, bem como resgata crenças populares como a de que um corpo voltaria a sangrar caso seu assassino dele se aproximasse.

A estrutura social encontrada no primeiro contato entre romanos e germânicos foi modificada com a chegada, e ocupação, dos romanos à região compreendida entre o Reno e o Elba no século I d. C. Um comércio foi estabelecido entre as tribos germânicas e o Império. Mercadorias de luxo dos romanos passaram a ser trocadas por gados ou por escravos capturados em incursões germânicas sobre outras tribos para esse fim. Esse comércio teria produzido rapidamente “uma crescente estratificação interna dentro das tribos germânicas” (ANDERSON, 2000: 104), tornando mais desigual e menos frequentes a distribuição das terras, e distribuindo-as diretamente para os indivíduos, não mais para os clãs.

O comércio que abastecia os germanos de mercadorias de luxo também fica evidenciado no poema, no episódio em que Kriemhild prepara roupas para que seus irmãos e o estrangeiro Siegfried se apresentem na corte de Brünhild:

“Queremos trajar belas vestes, cara irmã, e deves ajudar-nos a prepará-las com tua nobre mão [...]”

[...] Deves agora ouvir maravilhas sobre seus deslumbrantes trajes.

As mulheres dispunham em abundância da melhor seda do Marrocos e da Líbia que já possuiu qualquer outra família real. Kriemhild demonstrava claramente sua estima por esses cavaleiros. Já que era tão alto o objetivo desta viagem, as peles de arminho pareciam insuficientes, assim foram recobertas com brocado negro como carvão e, decorado com pedras que luziam sobre ouro da Arábia [...]. (ANÔNIMO, 2001: 62 – 63)

Além das relações comerciais consolidadas, temos também uma divisão de classes já bem solidificada no poema com pouca, ou nenhuma, mobilidade social. A falta de mobilidade social na obra reflete, além da época romantizada dos bárbaros do século V, a própria época em que foi escrito, o século XIII.

Na *Canção...*, a propriedade, o direito a herança, e a existência de um exército organizado e dividido em hierarquias, aparecem de forma consolidada nas descrições dos reinos existentes. Ilustrativa é a descrição da terra dos burgúndios, onde vivia a nobre Kriemhild:

Sua mãe era uma poderosa rainha chamada Uote, e seu pai, que ao morrer lhes deixara terras e tesouros, chamava-se Dankrat. Era um homem de grande bravura, e em sua juventude também conquistara grande renome.

Como já disse, estes três reis eram de grande coragem, e tinham às suas ordens os melhores guerreiros de que já se ouviu falar, fortes, destemidos e fiéis nas mais árduas batalhas. (ANÔNIMO, 2001: 09-10)

Ao passo que as leis, os costumes e a forma de organização social romanas eram incorporadas pelos germânicos, também a conversão ao cristianismo ocorreu, no espaço de uma geração, em todas as tribos que adentraram o Império.

A religião antes praticada era um tanto naturalista, a *Edda poética* identifica algumas entidades adoradas pelos germanos, entre eles: *Wotan* (o *Odin* dos escandinavos), divindade que representava os céus e dominava a guerra, era a mais importante do panteão; *Donnar* (o mesmo Thor nórdico); *Tiwaz*, protetor das assembleias tribais e seu fiador; e *Freya*, deusa do amor e da fecundidade. Além dessas principais, outras entidades menores completavam o quadro místico: as *Walkyrias*; filhas virgens de Wotan encarregadas de levar os mortos em campos de batalha ao *Walhalla*, morada dos deuses; os elfos, as ondinas e os gnomos. Serem os germanos bastante naturalistas em sua religião pode ser explicado pelo período de barbárie em que ainda viviam, sem ter qualquer domínio sobre a natureza.

A conversão à religião romana foi necessária para consagrar o abandono da autoridade subjetiva característica da comunidade de clãs, firmando uma autoridade terrestre mais firme como extensão da autoridade divina. Não que esse cristianismo fosse igual ao de Roma, mas ele foi mesclado com o arianismo, criando uma igreja paralela à Igreja Romana.

A Igreja germânica foi a religião comum em todos os reinos bárbaros iniciais. A diferença entre ambas as religiões foi, inclusive, inicialmente incentivada como garantia da separação da população romana e da população germânica em reinos como o dos ostrogodos na Itália e dos visigodos na Espanha (ANDERSON, 2000).

Importante ressaltar essa separação, pois, apesar de instalarem-se em diferentes regiões de Roma, os germanos permaneceram sempre um povo à parte, nunca se integrando com outros povos no interior do Império. A geografia dos espaços ocupados era bem demarcada. Sua religião, apesar da adoção do cristianismo, permaneceu diferenciada. E, também linguisticamente, pouquíssimo influenciaram ou foram influenciados pelos romanos.

Apesar de as influências serem limitadas, o cristianismo ariano desenvolveu-se a ponto de, nos séculos XII e XIII, reivindicar para si atribuições do papado romano. Sobre o envolvimento germânico na política e na igreja romanas, bem como sobre a incipiente nobreza germânica, Carpeaux afirma:

[...] A aristocracia medieval alemã está intimamente ligada aos ideais políticos do Império, sobretudo aos imperadores da dinastia de Staufen, que se envolveram numa luta secular com o Papado, reivindicando não somente o domínio da Itália, mas também o condomínio das almas: o imperador é soberano temporal e soberano espiritual ao mesmo tempo. Arroga-se uma posição ao lado do Papa, se não acima do Papa. Justifica suas reivindicações por uma visão mística da História Universal, resumida na obra de um historiador que pertencia àquela família imperial: Otto von Freising (1114-1158). (CARPEAUX, 2013: 12-13)

O mesmo autor segue pontuando que boa parte da literatura dos cavaleiros seria de índole política, muitas vezes com inspiração mística. Mas não seria, a princípio, uma literatura de corte. Segundo ele, a aristocracia alemã medieval jamais teria conseguido, ou sequer pretendido, submeter completamente seus vassallos. Essa mesma aristocracia teria guardado ampla independência em seus castelos. E teria tempo e ócio para dedicar-se aos ideais de natureza pessoal (*Id. Ibid*).

As mudanças e substituições feitas, no entanto, não trouxeram uma fórmula política que ainda permanecesse ao final da Idade Média, o abandono de algumas tradições da Antiguidade levou a uma queda no nível de sofisticação dos Estados. A expansão islâmica no Mediterrâneo, no início do século VII e o consequente fechamento do comércio e bloqueio da Europa Ocidental, aliados ao crescimento demográfico, fizeram toda Europa voltar-se à economia rural. A realização mais positiva dos bárbaros no período foi a conquista da Germânia, completada pelos merovíngios no século VI.

Destarte, embora ainda permanecessem diferenças consideráveis entre romanos e germanos, por volta do século V, quando os hunos forçaram as *Völkeranderungen*, as tribos germânicas já estavam bastante diferentes da forma que tinham ao tempo de César. Pressões internas e externas haviam consolidado uma nobreza cortesã solidificada e a igualdade dos clãs originais havia sido substituída pela fortuna individual. O longo contato, comercial e militar, entre romanos e germanos nas regiões fronteiriças estreitara as diferenças entre as duas sociedades. Sobre essas relações, Anderson ainda afirma que da “colisão e fusão final e cataclísmica [de romanos e germanos] iria surgir finalmente o feudalismo” (ANDERSON, 2000: 107).

Já a Idade Média, no contexto geral, e do ponto de vista político, foi o período em que todos os povos europeus adquiriram, pouco a pouco, sua fisionomia e sua consciência nacionais. Se no início as regiões e tribos eram organizadas em pequenos territórios e tais territórios faziam parte de um império ou reino, ao fim do período já há grandes unidades nacionais estabelecidas nos espíritos das pessoas. O desenvolvimento das línguas nacionais está profundamente enraizado nesse processo.

Quanto ao povo dos burgúndios, foi um povo que permaneceu ao longo das fronteiras da Gália, em paz com os romanos, e com eles tendo estabelecido contatos comerciais. Essa permanência ocorreu depois de algumas tentativas frustradas de adentrar o Império durante o século III. Foi por volta de 406 que se integraram às grandes migrações dos povos germanos na direção do oeste.

Na *Canção dos Nibelungos*, o reino aparece totalmente cristianizado e o ambiente cortês é, a todo o momento, exaltado. Patier apresenta que

As provas de mútua consideração e gentileza que ainda hoje se pratica são ecos de sentimentos cavaleirescos do passado. Esse tema é outro aspecto importante dos Nibelungos. A maneira de andar, sentar-se, levantar-se, sair e entrar, receber ou conceder favores tinha um certo *modus faciendi* que as persoagens dos Nibelungos observavam rigorosamente em seu relacionamento. Nesse sentido, o poema é um verdadeiro manual de boas maneiras. (PATIER, 2013: 17)

As descrições da exuberância de luxo e da riqueza das cortes, juntamente com a beleza física das personagens, corrobora a afirmação acima. Ainda segundo Patier, a beleza seria uma representação da nobreza de caráter. O ambiente cortês ignoraria a

feiura. Ilustrativa é a cena da preparação para receber a rainha da Islândia, que havia sido conquistada para ser esposa de Gunther:

Incumbidos de receber os que estavam por chegar, familiares dos três reis cavalgavam por todos os caminhos do país; para isso foram tiradas dos baús muitas vestes preciosas.

Anunciaram que a comitiva de Brünhild havia sido vista cavalgando em direção àquelas terras, e uma grande excitação tomou conta dos burgúndios. Que bravos cavaleiros podiam ser vistos em ambos os lados!

A bela Kriemhild disse: “Minhas jovens, se quiserdes acompanhar-me na recepção, procurai em vossos baús a melhores vestes, assim ganharemos o louvor dos hóspedes!”

Vieram também os cavaleiros e mandaram trazer esplêndidas selas trabalhadas com ouro rubro, sobre as quais as mulheres cavalgariam de Worms até o Reno. (ANÔNIMO, 2001: 93)

A narração segue descrevendo os arreios, o brilho do ouro, as rédeas, o quão alegres estavam as damas ao montar e as quantidades de damas e cavaleiros que iam encontrar a comitiva que chegava.

Esse é o povo de Kriemhild, esposa de Siegfried. Na segunda parte do poema, quando os cavaleiros burgúndios enfrentam Etzel na terra dos hunos, esse povo é tratado como o povo dos Nibelungos. O motivo da troca de nomes é a posse do tesouro que antes pertencera ao povo da neblina (os Nibelungos originais). Siegfried conquistara a posse desse tesouro e, com sua morte, ele passara à rainha Kriemild, que o mandara trazer à burgúndia. Com o tesouro na terra dos burgúndios, Hagen o rouba da rainha e o esconde no Reno, onde permanece escondido após perecerem todos os que sabem de sua localização.

Considerações finais:

Posicionamos, nesse trabalho, historicamente os povos germânicos que formaram a nação alemã, bem como seus movimentos históricos que os identificaram inicialmente como povos bárbaros e, posteriormente, como povos vivendo no interior do Império Romano, incorporando suas instituições, sua forma política e sua religião. Essa incorporação não ocorre sem conflitos (bélicos, políticos e ideológicos) que são refletidos em obras produzidas no período e, neste caso particular, na *Canção dos Nibelungos*.

Consideramos, no desenvolvimento dessa pesquisa, o valor do tema para o avanço dos estudos mitológicos e literários na perspectiva marxista. Especialmente

quando se assiste a uma retomada de elementos míticos por meio de obras, fílmicas e/ou literárias, que banalizam o tema e lotam as prateleiras das livrarias e as salas dos cinemas. A busca de compreensão desse fenômeno, e de elaboração de propostas para a valorização da literatura junto à sociedade contemporânea, também justifica a pesquisa e o desejo de retorno às fontes literárias medievais bem como discussões sobre sua influência em trabalhos da envergadura de um compositor como Wagner, de um cineasta como Fritz Lang ou de um escritor como Tolkien, por exemplo.

BIBLIOGRAFIA:

ANDERSON, P. **Passagens da antiguidade ao feudalismo**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ANÔNIMO. **A Canção dos Nibelungos**. Tradução de Luís Krauss. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Coleção Gandhara.

ANÔNIMO. **A Canção dos Nibelungos**. Tradução de Schmidt Patier. Brasília: Thesaurus, 2013.

CARPEAUX, O. M. **A História concisa da Literatura Alemã**. São Paulo: Faro Editorial, 2013.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. Tradução de Leandro Konder. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2014.

OLIVEIRA, W. F. **Os primeiros reinos medievais: os reinos germanos**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1988.

SOUZA, A. A. A. Literatura e marxismo: a natureza histórica da obra literária. In: SOUZA, Ana Aparecida Arguelho de; FRIAS, Regina Barreto (Org.). **O processo educativo na atualidade: fundamentos teóricos**. Campo Grande: UNIDERP, 2005, v. 1, p. 51-64.

TÁCITO, P. C. **Germânia**. Tradução de João Penteado Erskine Stevenson. São Paulo: eBookLibris, s/d. Versão para E-Book.

XI ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS

IMAGENS E NARRATIVAS

